

Director literario:

*Augusto de Santa Rita*  
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

# O SECULO

Director artistico:

*Eduardo Collaço*  
PAPUSSE



## OS BANDOLEIROS

NOVELA INFANTIL

Por AUGUSTO DE SANTA RITA

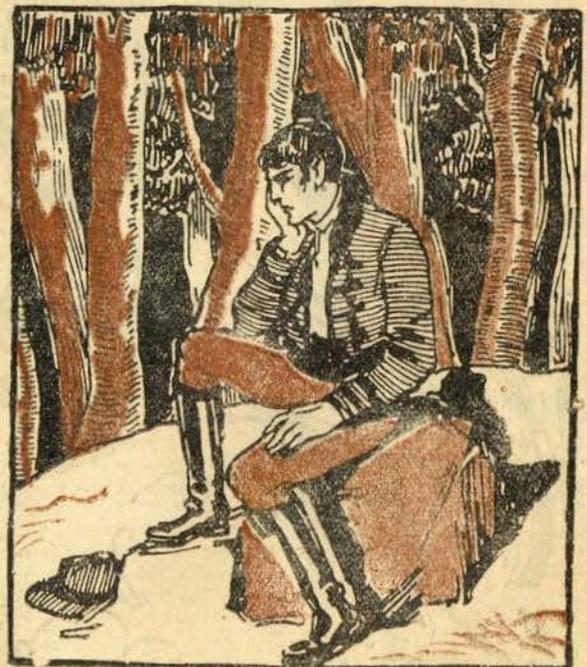
Desenhos de EDUARDO MALTA

*Meus meninos:*

A história, que ides ler, passou-se no ano de mil setecentos e tal. No tempo em que inda não existiam, entre nós comboios, vapores, aeroplanos, Imprensa e, portanto, o querido «Pim-Pam-Pum». No tempo em que as viagens eram feitas em veículos de inúmeras espécies: — diligências, litelas, carros de bois, berlindas ou no aorso dos elefantes, camelos, muares ou jumentinhos. No tempo em que imperava o azeite, como iluminação, e ao canto patriarcal das lareiras, avós, pais, filhos e netos se reuniam nas longas noites de inverno, ouvindo a sagrada Biblia ou contando histórias verídicas, não da Carochinha viúva de João Ratão, mas de bandidos, de salteadores que hoje raramente se encontram e que então assolavam pelos ermos caminhos, assaltando os viajeros.

É uma dessas histórias que ides ler, onde, em vez das lendárias bruxas, encontrareis almas vis mas humanas, reais, e, em lugar das fadas milagrosas, corações bem formados, rutilantes espiritos, consciências belas que, graças a Deus, sempre houve e sempre hão-de existir.

Lendo-a com atenção, aprenderéis a conhecer a vida espiritual da Humanidade, renegando o que há nela de torpe e admirando o que ela tem de belo. A ver e rever no espelho da consciência os vossos defeitos e os vossos predicados. Que as más acções que nela decorrem, vos sirvam de repulsa e as boas de estímulo e incentivo, pela vida fora, a nobres cometimentos.



(Continua na página 4)

# OS DOIS PAGENS DE SOFILENA

Por Fernando A. Simões  
Desenhos de Eduardo Malta

CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR

«O vosso país nem de longe é comparável ao meu. Perdoem-me os senhores esta dura verdade, mas eu provo-a com dois exemplos: primeiro, se me não engano, tenho já por mais de uma vez ouvido afirmar que a mais bonita mulher deste país é a vossa princesa, não é verdade?»

— Sem dúvida, responderam alguns cortesãos.

— Pois bem! — e o barão de Rochése, ao dizer isto, fitava com provocadora insolência o grupo de fidalgos que tinha na sua frente. — Podeis acreditar, senhores, que a mulher mais feia do meu país, é infinitamente mais bonita que a vossa princesa.

Esta tremenda basófia deixou os cortesãos profundamente espantados e indignados, mas nenhum ousou protestar.

Apenas Fernando e Fausto, o primeiro córandó de vergonha, o segundo empalidecendo de indignação, sentiram dentro de si alguns assomos de revolta; no entanto não se mexeram.

Notando aquele silêncio o barão de Rochése continuou, mais insolente e mais provocador ainda:

— E quanto a valentia, não vale a pena discutir-se, o que provo com o segundo exemplo: se algum estrangeiro ousasse, na corte do rei meu amo, afirmar o que eu acabo de afirmar aqui, podeis convencer-vos, senhores, não sairia de lá com vida, enquanto que eu...

Não teve tempo de acabar: alguém, que se encontrava atrás de quasi todos os fidalgos, os arredou bruscamente, e dirigindo-se ao barão de Rochése o agarrou pela gola da sobrecasaca, concluindo deste modo a frase por ele começada:

— Enquanto que vós... saíreis daqui com vida, quero vêr, mas só depois de terdes pedido, diante de todos estes fidalgos, perdão à princesa Sofilena do ultraje que lhe fizestes.

O barão recusou, fazendo-se lívido.

Fitou aquele que tam ousadamente lhe interrompeu as basófias, e ao vê-lo, tam joven ainda, teve um sorriso de troça e perguntou, dirigindo-se aos outros cortesãos

— Dizei-me, senhores, quem é esta criança?

— Esta criança é um pagem da princesa que tam vilmente acabais de ofender! respondeu o que o agarrava, sem dar tempo a que os outros respondessem.

— Um pagem! Ah! Ah! Ah! Um pagem! E és tu que ousas afrontar-me dessa forma? Ah! Por Deus, se não fosses tam criança, e para mais um pagem, eu te faria pagar cara a gracinha!

Desta vez foi o outro que se tornou lívido.

— Sim, é verdade que eu sou um pagem, mas isto não obsta a que seja conde e filho de um duque! Sim, é verdade que eu sou uma criança, mas isso não obsta a que pague desta forma as vossas vilezas!

E levantando a mão, o pagem Fernando, pois era êle, pegou no rosto do barão de Rochése, uma estupenda bofetada!

Desta vez já o barão se não importou com o facto de o seu antagonista ser um pagem e uma criança. Horrivelmente pálido, com os olhos esgazeados e a boca espumando de raiva, puxou violentamente pela espada e arremeteu, fu





rioso, sobre Fernando, que, com a espada já desembainhada também, o esperava a pé firme.

Porém, neste momento, abriu-se uma porta ao fundo da sala, correu-se um reposteiro e uma voz anunciou gravemente:

— Ai vem Sua Majestade!

Era forçoso adiar o embate; assim o entendeu o barão de Rochése que, ao embainhar novamente a espada, exclamou com a voz torva de ódio:

— Logo, às duas horas, espero-vos na cêrca do palácio.

As espadas retiniam, faiscantes

Julgava decerto o barão que, com meia dúzia de golpes, inutilizava o seu adversário, mas enganava-se redondamente: o pagem Fernando sabia manejar a espada tam bem, ou melhor ainda, do que êle.

O barão suáva por todos os poros.

Empregando já todos os golpes com que estava mais familiarizado, empregara mesmo alguns *trucs*, mas qualquer que fôsse o lado por onde a sua espada arremettesse, encontrava sempre a meio do caminho, sustendo-lhe a marcha, a espada de Fernando.

Estava cançado, o barão de Rochése, e começava a fraquejar.

Coube, então, a Fernando a vez de atacar.

Serenamente, sem precipitações, a sua espada, ora por um lado ora por outro, aparecia quasi defronte dos olhos do barão que, lívido de raiva, reconhecia que, dentro em pouco, lhe faltariam as forças.

Quiz reagir, e fazendo das fraquezas forças, atirou um novo golpe ao coração do valente pagem.

Este, porém, aparou-lho com mestria e, rapidamente, instantaneamente, caiu a fundo.

Ouviu-se um grito, ou melhor, um rugido de dôr: o barão caíra com o peito atravessado de lado a lado!

No dia seguinte, sabedora já deste incidente, Sofilena mandou chamar os seus dois apaixonados.

O seu coração permanecia ainda indeciso; não estava ainda provado qual dos dois pagens era valente. No torneio, ficara essa valentia provada o mais igualmente que era possível; com o incidente da carruagem as probabilidades pendiam para Fausto, mas, com a aventura da véspera, a igualdade voltava novamente, pois Sofilena, após um rigoroso exame, chegara à conclusão de que tam valente era o homem que se punha à frente de quatro furiosos cavalos, para lhe salvar a vida, como o que se punha diante de uma espada temível como a do barão de Rochése, para a vingar duma afronta.

O empate permanecia, portanto, embora houvesse ainda o caso das rosas, que, matematicamente, apareciam todas as manhãs no peitoril da varanda de Sofilena.

Mas esta ignorava ainda a qual dos dois pagens devia aquela cavalheiresca oferta, e por isso, resolvida a tirar-se de dúvidas, os havia mandado chamar.

Ouçamos o que dizem.

— Meus bons amigos, dizia Sofilena olhando alternadamente para os seus dois apaixonados, mandei-os chamar para me tirarem uma dúvida em que, há quasi um mês, tenho vivido, e da qual quero forçosamente afastar-me.

E, fitando insistentemente o melancólico Fausto, pois tinha o sentimento de que era êle, perguntou:

— Qual é de vós os dois o que se arrisca todas as noites a ser prêso pelas sentinelas ou, pior ainda, a morrer esmagado nos rochedos debaixo da minha janela, para todas as noites, também, me oferecer uma rosa?

Fausto levantou-se, mas, com grande espanto da princesa que esperava ouvir exactamente o contrario, exclamou, com a voz trémula de comoção:

— Senhora minha, foi Fernando quem teve essa cavalheiresca lembrança, e é êle quem, todas as noites, arrasta os perigos que acabais de anunciar para vos fazer essa galante oferta.

Os olhos da princesa fixaram-se em Fernando.

Viu-o, com as faces ruborizadas, de olhos baixos, voltando, de um para outro lado, o seu grande chapéu de plumas, tendo na cabeça um raio de sol que brincava jovialmente com os seus cabelos louros, e achou-o belo, mais do que o tinha achado até ali, mais ainda do que a beleza, sombriamente triste, do seu pagem Fausto.

(Continua na página 6)

## OS BANDOLEIROS

(Continuação da página 1)

## 1.ª PARTE

Rapina tinha quinze anos, apenas! Sentado num penhasco, à sombra do luar, no sopé da serra que contorna o pinhal da Azambuja, de braços apoiados nas musculosas pernas, scismava, preocupado, em seu Destino aventureiro e adverso.

De jaleca de briche com vivos alamares, debruada de belbutina negra, calções cor de café, em bombazina e botas de montar com saltos de prateleira, rosto moreno, imberbe, olhos vivos, azuis e cabelos castanhos, Rapina exteriormente, era um verdadeiro tipo de bandoleiro-chefe de quadrilha. Mas não o era em verdade. Não só porque a sua idade não permitia o pretencioso apêdo, como também porque, intimamente, à sua índole, sentimental por vezes, dócil e generosa, repugnava sempre o impiedoso e bárbaro exercício do seu ingrato mistério.

Scismava... Revolvia na sua viva imaginação exaltada, febril, quasi delirante, ora lembranças cruéis, memórias recentes que delongiava afastar, que lhe repugnavam pelo que tinham de bárbaro, de trágico: — crimes que presenciava e de que era cúmplice por força das circunstâncias, ora reminiscências ténues duma infância mimada, de que apenas tinha como recordação vagos vislumbres: — um fofinho regaço, prateada roca e um docelzinho de rendas sobre um bercinho doirado. Nada mais.

Barba-azul o chefe da seita, Vampiro, Bacamarte, Veneno, Dinamite, Pé-de-Cabra e Surripia nas tendas de lona, de armar e desarmar, com seu espólio de roubos e carabinas à mão, dormiam refastelados, vencidos pelo cansaço da turbulenta noite anterior; em fuga da polícia. Por terra e em pélo, a poucos metros também, jaziam num sono reparador, as montadas, arreios e selins, amontoados à esquerda sob a densa copa de um vetusto pinheiro.

A lua, muito branca e redonda, a rebrilhar entre os troncos erectos do Pinheiral copado, eclipsada, quando em quando, por nuvens passageiras, projectava no ambiente fantasmagóricas sombras que à consciência recta, embora atribulada de Rapina, surgiam quais vingativos espectros de remorso. Só ela, de uma alvura de neve e a longe facha do caminho a serpentear ao longo, como um rio de leite, cortando todo o pinhal, punham uma graça imprevista no monótono aspecto da paisagem.

Rapina scismava... scismava no incerto rumo do seu Destino incerto. Entanto...

O capitalista Jorge de Moraes, lavrador abastado, viuvo de 48 anos de idade, vivia com sua Mãe—D. Mafalda, uma simpática velhina septuagenária, magra, de alvos bandós, face enrugadinha, perfil levemente adunco e óculos de aro de ouro; com uma filha Milita, pois assim a tratavam, Maria Emilia por baptismo, de quinze anos de idade, uma beleza invulgar, de olhos negros, profundos, scintilantes, cabelo todo ondulado naturalmente, sem nenhum artifício, a pele muito branca levemente colorida qual pétala de rosa, lábios cor de romã e dentes cor de jaspe; com dois criados, de mesa e de cozinha, uma criada idosa, um jardineiro, um feitor, seis moços de lavoura e o condutor da liteira, o velho cocheiro Atias que envelhecera ao serviço do patrão Jorge e que tinha quasi por exclusiva missão levar Milita a passeio pelas amenas tardes de Santa Iria em cujo tópo, altaneira se ostentava a solarenga casa do grande capitalista.

Numa linda tarde de outono de 1795, Milita, extremamente farta de contemplar o mesmo quadro, a mesma monótona paisagem, através da moldura azul da pequenina





janela do seu quarto, sequiosa de emoções e de novos aspectos, ordenou ao velho Atias que aparelhasse a liteira. Um quarto de hora depois, quem passasse pela ziguezagueante estradinha, descendo a verdejante encosta de Santa Iria, cruzar-se-ia com a traquitana airosa, puxada por dois alazões possantes, que ora guiavam as débeis mãos de Milita, ora os trémulos dedos do velho cocheiro Atias.

Maria Emilia, nessa linda tarde em que o céu semelhava um grande incêndio no longe, sentiu a tentação de se esquecer do tempo, de andar léguas e leguas, de caminhar sem destino!

— «Menina, o seu papá já deve estar em cuidado»; dizia constantemente o dedicado servo. «Voltemos, voltemos!»

Mas Milita, imperiosa, volvia apenas: — «que importa?!» Por fim a uma nova recomendação do impertinente Atias, objectivo sobranceira: — «Não insistas; já disse! Quero hoje atravessar o pinhal!» e chicoteou os cavalos que estugaram o trote.

Já o sol se sumira no recortado horizonte; já a lua, muito branca e redonda, brilhava entre os erectos troncos do pinheiral à vista, quando, pela décima vez, Atias recomendou: — «voltemos, menina, voltemos para casa!» Mas Milita, teimosa, já nem respondia e cada vez mais fustigava os cavalos que, finalmente, entravam no denso pinhal. Um môcho piava ao longe e, quando em quando, assustada, uma rolinha brava voava espavorida: — Zut...! De resto, apenas o tac-tac das patas dos corcéis fofos, quebrava o silêncio tumular da noite. De repente, porém, um prolongado assobio, silvo no céu estrelado, semelhante ao que despede um foguete de artifício, ao esvair-se, ao tombar numa chuva de estrelas. Os olhos do velho Atias, de súbito, esbugalharam-se! Milita empalideceu, fitando o trémulo servo cujo rosto tomara também a côr dum círio. — «Os salteadores!» foi a única exclamação que, em unísono, pártiu, suspensa, de ambas as bôcas.

Estacaram rapidamente, ao refrear das rédeas, relinchando, os cavalos: — *Paque!* Rangeu seus dentes o travão da liteira: — *Trrr.*

Voltemos, voltemos, menina! Novamente volveu, mas desta vez assustado, quasi tomado de pânico, o aio velhinho da formosa Milita.

Era já tarde, porém. De trás dum muro, contornando a estrada, uma chusma de homens, armados e de má catadura, surgiram brusca, provocante e imprecativamente: «Alto! Mãos no ar! Bôlsa ou a Vida!...»

Desmaiada, Milita tombou sobre a almoçada, deixando caír das mãos o pingalim e as rédeas. Tartamudeando, Atias, balbuciou a tremor: — Nada trazemos... por Deus, deixai-nos seguir em paz...

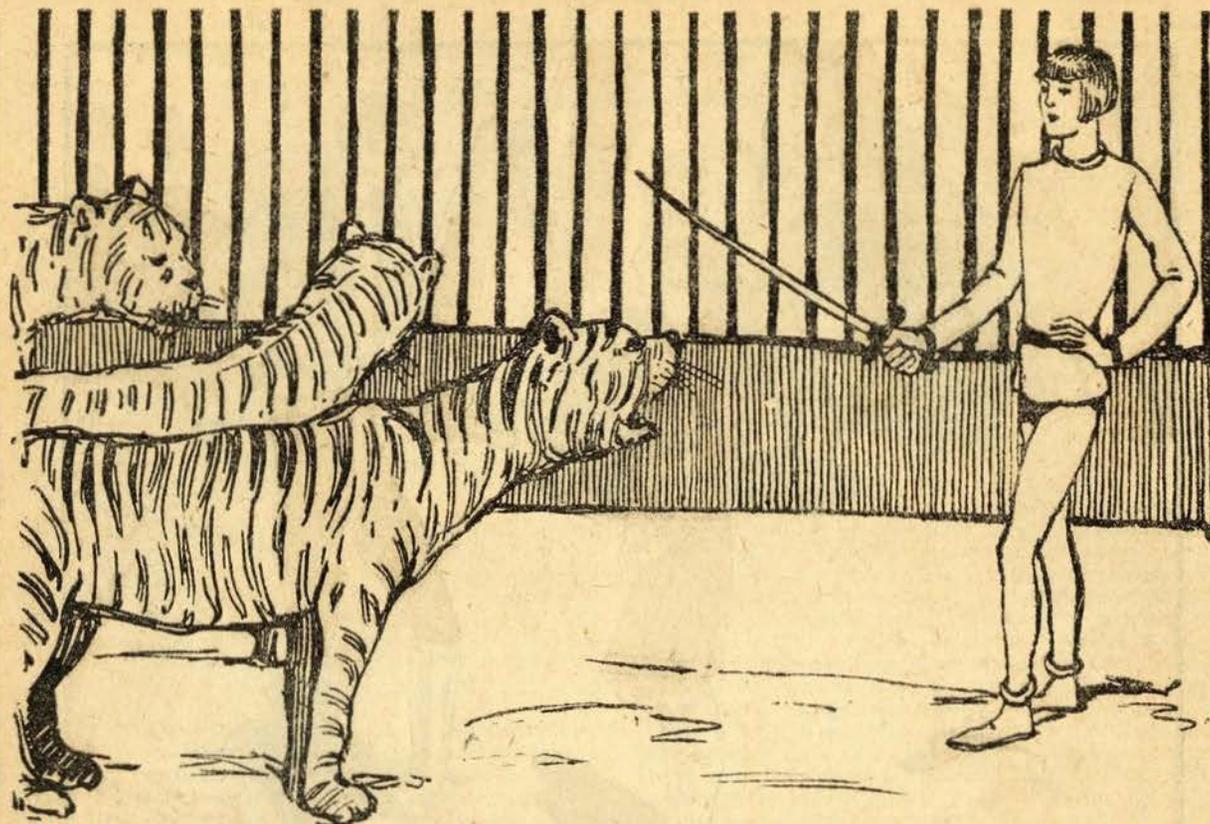
— «Dinheiro ou joias... a Bôlsa ou a vida. Não nos façais perder tempo!» bradava toda a corja, enquanto, numa sofreguidão, num louco irenezim, a liteira e seus condutores eram revistados agora com brutal parcimónia. Entanto, desesperados por nada depararem que lhes conviesse, Barba azul e Vampiro, pegando em Milita pela cabeça e pés, declararam ao apavorado cocheiro, ameaçadoramente:

Dize a teu amo que a tua menina fica em nosso poder até que, no prazo, de 24 horas, a venhas resgatar. Se, passado este prazo, não vieres aqui, com uma bôlsa recheada de ouro, será queimada viva.

— «Então, tratem-na bem, que eu prometo vir, ainda esta noite, trazer-vos o que exigis!» — Titubou o trémulo velhinho tomando as rédeas, chicoteando os cavalos, destruindo a liteira e fazendo retroceder os fofos corcéis que largaram, a toda a brida, caminho do solar. De quando em quando, porém, instintivamente, saudosamente, Atias olhava para trás.

Entanto entre o temível bando de salteadores, Milita, entreabrindo os olhos, numa ansiedade indizível, recobrava os sentidos.

(Continua no proximo número)



## OS DOIS PAGENS

(Continuação da página 3)

Era evidente que a peripécia das rosas agradara imenso a Sofilena, pois nesse momento as suas atenções voltaram-se todas para Fernando.

Fausto viu-o claramente, mais com os olhos da alma do que com os do corpo, e acentuou-se-lhe extraordinariamente a tristeza do seu semblante.

— Meus queridos amigos — exclamava de novo Sofilena, lançando um distraído olhar sobre Fausto, e dirigindo-se quasi que só a Fernando — dentro de cinco dias, findo o prazo que vos marquei para mostrardes os actos de coragem de que sois capazes.

«Tenho visto e tenho apreciado, mas não posso ainda dizer nada, porque, se é certo que um de vós tem já algumas vantagens no meu coração, elas são muito pouco úteis, e eu não as quero assim.

«Tive por isso uma idéa, que há-de, certamente, resolver a questão: vós conheceis decerto os meus ferozes tigres, que me foram oferecidos por um famoso explorador; ora eu ouvi ontem dizer que não há no nosso país, ninguém, absolutamente ninguém, capaz de entrar na jaula onde eles estão. Jurei então a essa pessoa que, no nosso país, há, pelo menos, dois homens que o fariam, e disse que ereis vós. Ter-me-hei enganado?»

Fernando mais precipitado, cedendo mais depressa aos arroubamentos da sua paixão, exclamou:

— Obrigado, princesa! Obrigado, pela justiça que nos fizestes. Ficai descançada: não vos arrependereis da vossa jura.

«Dizei, dizei onde estão os tigres e vereis como eu entro na sua jaula.

E, levantando-se, o impetuoso Fernando dirigia-se à porta, levando, com um gesto herói-cómico, a mão aos copos da espada.

— Então! Então! exclamava a princesa rindo.

«Calma, senhor pagem dos cabelos de ouro.

«As coisas não se farão assim: quero que toda a corte de El-rei, meu pai e senhor, assista à vossa extraordinária prova de coragem.

E, levantando-se, como que a despedi-los, a princesa continuou, dirigindo-se para a porta:

— Fiquem, então, sabendo: aquele de vós os dois que conseguir entrar na jaula, ou no caso de entrarem ambos, o que praticar lá dentro façanhas de mais valor, é que ficará sendo senhor do meu coração.

Arrebatado por esta tão grande recompensa, Fernando exclamou:

— Hei-de ser eu, senhora!

Fausto olhou-os. Viu a princesa sorrir-se meigamente para o seu amigo. Sentiu os olhos marejarem-se-lhe de lágrimas, e exclamou, com voz tam sombria que só elle ouviu:

— Não! Hei-de ser eu!

O espectáculo era idêntico; a mesma multidão compacta que que corria precipitadamente dum lado para outro, recendo chegar tarde; a mesma vistosa assistência; a mesma tribuna, ricamente engalanada, onde o rei e sua filha contemplavam, sorridentes, o espectáculo que se lhe oferecia à vista. Apenas deferiam os personagens que se encontravam na arena.

Da outra vez, no dia do torneio, eram ágeis e elegantes cavaleiros, cobertos de aço e montando fogosos cavalos; desta vez, duas grandes jaulas, com sólidas grades de ferro dentro de cada uma das quais rugiam furiosamente cinco formidáveis tigres.

la finalmente saber-se qual dos dois pagens teria a suprema ventura de desposar a linda Sofilena.

Ninguém já ignorava porque singular capricho da princesa, andavam Fausto e Fernando, havia quasi um mês, empenhados em praticar as mais heroicas façanhas.

O rei, a corte, o próprio povo, todos sem ninguém exceptuar, sabiam já que havia de resolver-se naquele dia o formidável pleito. E que entusiasmo! Que louca animação, elevada ao exagêro por parte do povo, que aclamava freneticamente a princesa, soltava estrondosos vivas aos dois heróicos pagens e apostavam com furor a qual dos dois pertenceria a vitória!

Súbito, fez-se por toda a parte um enorme silêncio: o pagem Fernando, elegantemente vestido, segurando com do-

naire a sua espada, única arma com que lhe era permitido entrar na jaula, deixando voejar, impelidos pela brisa, os seus lindos cabelos louros, entrava na arena, e, dirigindo-se à tribuna real, cumprimentava graciosamente o rei e a princesa, envolvia entre outra saudação todo o resto da assistência, e com passo decidido e firme, sem se lhe notar uma única hesitação, dirigia-se a uma das jaulas dos tigres.

Uma enorme ansiedade se seguiu à animação de há pouco.

Milhares de olhos fixavam o corajoso pagem, não lhe perdendo um único gesto. Viram-o abrir a primeira porta da jaula; fechá-la sobre si; abriu depois a segunda e penetrou finalmente no quadrado onde rugiam furiosamente os cinco tigres que lhe estavam destinados.

Uma tempestade frenética de aplausos acolheu este primeiro passo de Fernando. Apavorados com aquele ruído ensurdecedor, a que não estavam habituados, os tigres, receosos, encolhiam-se, agachavam-se aos cantos da jaula. Lia-se-lhes, porém, no olhar a cólera que os dominava e ai do pageminho louco se não abrisse bem os olhos quando aos seus perigosos antagonistas passasse o receio.

Assim os entenderam todos os que assistiam ao singular combate, pois um enorme e pavoroso silêncio se seguiu à tempestade de aplausos.

Encolhidos, os tigres continuavam hesitantes.

Não tendo paciência para os esperar, Fernando decidiu-se a atacá-los.

Lentamente, fixando-o muito, mas sem perder de vista os outros, avançou para um deles.

A fera, atemorizada ainda, recuou... Quando, porém, sentiu atrás de si as grades da jaula, quando viu que não podia recuar mais, o seu olhar tornou-se tam ferozmente colérico que Fernando sentiu um pequeno arrepio.

Foi, porém, passageiro. Rápido como o relâmpago, levantou a sua espada acima da cabeça, descarregando-a logo violentamente no pescoço da fera.

O sangue espirrou...

E então foi uma verdadeira, uma épica batalha: Ferozes, sentindo despertarem-se-lhes os ferozes instintos, à vista do sangue, os outros quatro tigres, saltando dum para outro lado, procuravam a melhor maneira de apanhar Fernando à traição.

Mas o pageminho louco não dormia, e a sua espada,

ora estendida ora encolhida, levantada agora e descida logo depois, arremetida para a esquerda e para a direita, cortava, espetava, feria ou matava, sempre que se lhe proporcionava a ocasião.

O sangue espirrava de todos os lados, avermelhando por completo, a cara e o fato de Fernando.

Não era porém só o sangue das feras que corria: mais de uma vez levava Fernando a mão ao ombro direito, num gesto instintivo de dor, retirando-a vermelha do sangue que lá corria.

Tam forte era a dor, e o sangue perdido era tanto que Fernando sentiu irem-lhe fugindo as forças.

Reagiu; a sua espadaada fendeu uma vez mais os ares, feriu ou matou uma vez ainda, mas depois, exgotado por este esforço, caiu no chão pesadamente, como uma massa.

Estava no entanto salvo: o seu último golpe matara o último tigre.

O entusiasmo dos assistentes era enorme.

Correram para a jaula, abriram-a e tiraram de lá Fernando, a quem fizeram apressadamente um penso, a fim de estancar o sangue.

Tam valentemente, com tanta galhardia se houve o pageminho louco, que toda a gente estava convencida de que a Fausto, o triste pagem morêno, seria absolutamente impossível fazer melhor.

E no meio do seu louco entusiasmo, havia já quem soltasse entusiásticos vivas a Fernando, o «futuro esposo da linda princesinha».

Fausto entrou na arena.

Vinha mais triste, mais abatido ainda do que costumava.

A certeza que adquirira de que Sofilena amava já Fernando, havia-o feito desesperar do resultado das suas façanhas.

Ao vê-lo, toda aquela enorme massa de gente que assistia ao espectáculo sentiu confrangir-lhe o coração.

Ao chegar junto da tribuna real parou, e, depois de cumprimentar o rei e a princesa, fez um enorme esforço para falar, para dizer alguma cousa: impossível! A comoção embargava-lhe a voz. Renunciando a falar, voltou-se e dirigiu-se à porta da jaula a elle destinada. Abriu-a e entrou.

(Continua no proximo número)



